

O PROJECTO MINERVA NO DISTRITO DE BEJA

ANTÓNIO J. TOUCINHO DA SILVA*

Com três anos de existência, o pólo do Projecto Minerva da ESE de Beja realizou o seu III Encontro Distrital. É pois chegada a altura de fazer um balanço, não só deste encontro mas também de todo o trabalho realizado pelo projecto no nosso distrito.

O Projecto Minerva iniciou a sua acção no distrito de Beja em algumas escolas (poucas), entre elas a Escola Superior de Educação, na dependência do pólo da Universidade de Évora. No ano lectivo 1989/90 foi criado o pólo da ESE de Beja e o projecto estendeu-se a outras escolas. No essencial, os objectivos do pólo, definidos de acordo com as indicações recebidas do Gabinete de Estudos e Planeamento do M.E. (GEP), consistiam em dar formação aos professores e alargar a implantação do projecto a todas as escolas secundárias e dos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico.

IMPLANTAÇÃO

O objectivo relacionado com a implantação foi atingido no início do terceiro ano de existência. Desde então passaram a

integrar a rede escolar Minerva todas as escolas Preparatórias, C+S e Secundárias do distrito e além destas 5 escolas do 1º ciclo (todas na cidade de Beja) e duas instituições do Ensino Especial.

Não foi possível, nem considerado prioritário, alargar a acção do projecto ao vastíssimo universo das escolas primárias, nem tão pouco às Instituições de Ensino Pré-escolar. Todavia, é indesmentível que os níveis de desempenho mais elevados ocorrem precisamente nas escolas primárias e o mesmo seria de esperar nos jardins de infância, à semelhança do que acontece nos outros distritos.

FORMAÇÃO

Desde sempre que uma das principais missões do Projecto Minerva foi a de dar formação aos agentes educativos. Esta formação tem vindo a processar-se segundo três vertentes: ensinar o computador, ensinar a usar o computador e ensinar a usar o computador com fins pedagógicos. Ensinar o computador consiste em explicar o que é e para que serve o computador (su-

* Docente da ESE de Beja

bentenda-se o computador e todos os seus acessórios). Ensinar a usar o computador consiste nisso mesmo, ou seja em dar competências no âmbito do domínio da máquina. Finalmente, ensinar a usar o computador com fins pedagógicos é a tarefa mais difícil. Diz respeito apenas a professores e educadores em geral, mas exige um razoável conhecimento da máquina e alguma experiência de utilização. As duas primeiras fases equivalem a fazer uma iniciação à informática, na óptica do utilizador. Pode dizer-se que se vem conseguindo. A terceira fase, ensinar a usar a informática com fins educativos, é o grande desafio que todos nós professores, Projecto Minerva e Ministério da Educação, temos de enfrentar nos próximos anos. Para se vencer este desafio, é necessário contar com o apoio de muito *software* educativo, o que o GEP tem vindo a tentar fazer editando alguns programas e realizando concursos de *software*. Mas a quantidade existente, principalmente em língua portuguesa, é ainda muito escassa. Trata-se de um caminho longo, mas que temos de percorrer se quisermos melhorar a qualidade do ensino em Portugal.

CENTROS DE APOIO LOCAL

Para além do trabalho nas escolas, o Projecto Minerva institucionalizou-se também através da criação de Centros de Apoio Local (CAL), que são espaços dotados de meios informáticos destinados a dar apoio às escolas vizinhas e às comunidades locais. No distrito de Beja temos cinco CAL, localizados em Aljustrel, Mértola, Moura, Ourique e Serpa. Têm tido grande sucesso e estão quase sempre apinhados de alunos que usam os equipamentos existentes para realizar trabalhos escolares. Por vezes os professores também recorrem aos CAL, para preparar aulas, testes ou mesmo para dar as suas aulas. Os CAL têm também apoiado as populações locais, nomeadamente em iniciativas culturais e, além de algum financiamento assegurado pelo Projecto Minerva, tem havido auto-financiamento

através da realização de cursos de formação.

NÍVEIS DE DESEMPENHO

O nível de desempenho conseguido em cada escola ou em cada CAL é muito variável. Depende das condições de funcionamento, do tempo de integração no projecto, do meio que rodeia a escola, do corpo docente, da mobilidade dos professores que é enorme em algumas zonas do nosso distrito, etc.

Nas escolas do 1º ciclo do Ensino Básico e nas escolas do Ensino Especial os meios informáticos disponibilizados pelo Projecto Minerva têm sido usados com fins educativos, são utilizados nas próprias aulas e os alunos habituaram-se a ver o computador como um instrumento de trabalho como o lápis ou a borracha.

Nas escolas secundárias e dos 2º e 3º ciclos, o nosso principal objectivo deve ser o de ensinar professores e alunos a usar os meios informáticos como instrumentos de trabalho individual. A diversidade de disciplinas e a escassez de *software* educativo tornam difícil o recurso aos meios informáticos como auxiliar de ensino. Todavia, em casos pontuais, alguns professores, em geral os mais familiarizados com os computadores, têm vindo a consegui-lo.

CONDIÇÕES DE FUNCIONAMENTO

O Projecto Minerva colocou no nosso distrito, nos últimos três anos, cerca de 130 computadores, 50 impressoras e diversos outros periféricos, num valor total de cerca de 30 mil contos. Até ao ano lectivo transacto havia anualmente fornecimento de novos equipamentos, em cada escola havia 20 horas de redução para dividir entre 4 ou 5

docentes que trabalhavam no projecto, os CAL tinham verbas próprias de funcionamento, os pólos dispunham de alguns professores destacados (não em número suficiente mas contudo significativo) e as verbas de funcionamento dos pólos eram ajustadas à realidade.

Este ano tudo mudou e as actuais condições de funcionamento são muito difíceis. Não há lugar à aquisição de novos equipamentos, alguns estão a ficar obsoletos (o que é natural em informática), a redução de horário em cada escola passou para apenas 5 horas semanais para um único professor e os professores destacados no pólo, para apoiar o trabalho do projecto no distrito, passaram de 12 para apenas 6!

Nestas condições não é possível manter os professores destacados a deslocarem-se semanalmente para apoio às escolas e a formação de professores fica assim comprometida. No entanto, no III Encontro Distrital recém-realizado, chegou-se a acordo sobre formas de funcionamento que visam atenuar os efeitos daquelas medidas de contenção e a formação vai passar a processar-se sob a forma de acções de formação contínua (talvez semanais) a realizar nas instalações do pólo.

Quanto ao III Encontro Distrital, foi um sucesso pois atingiu o seu principal objectivo: motivar as pessoas ligadas ao Projecto Minerva para um difícil ano de trabalho. As restantes metas que nos propunhamos atingir também foram alcançadas, com maior ou menor profundidade e a participação, se bem que poderia ter sido mais numerosa, foi satisfatória se atendermos a que em Julho, noutros distritos, foram anulados encontros deste tipo por falta de participantes!

DISTRITO DESFAVORECIDO

Num país não regionalizado, ou melhor, fortemente centralizado, como o nosso,

os distritos do litoral, com mais poder económico, mais peso político e maior poder de influência, são em geral os mais favorecidos. assim acontece também em termos educativos e com o projecto minerva. de facto, há distritos com pólo minerva a funcionar há 5, 6 ou mesmo 7 anos. nós, temo-lo há apenas 3. os distritos com mais experiência, onde já se tinham atingido mais objectivos, e com maior profundidade, são aqueles onde a redução de professores destacados foi menos significativa. nós, com apenas 3 anos de pólo, vamos passar de 12 para apenas 6 professores, enquanto que distritos com meios muito superiores aos nossos e com 5, 6 ou 7 anos de experiência, vão ficar com o dobro ou mais! eis mais um exemplo de como os distritos que têm muito, têm cada vez mais, e os que têm pouco, são cada vez mais desfavorecidos. em termos educativos a democracia ainda não significa igualdade de oportunidades. e os nossos políticos e entidades com responsabilidades na região continuam calados perante casos como este!

BALANÇO

Apesar de todas as contrariedades por que já passámos, e que certamente vamos ter de enfrentar, o balanço que se pode fazer é francamente positivo. com o projecto minerva conseguimos levar até às escolas uma parte da vida real, que tão afastada delas tem estado. levámos os computadores até às pessoas, ensinamo-las a trabalhar com eles e, por vezes, isso significou melhorar a qualidade das aulas através do recurso aos equipamentos informáticos e ao software educativo.

Por isto, as escolas que ainda não estão integradas, entre elas e com muita pena nossa se contam os jardins de infância, continuam a solicitar a sua adesão ao projecto Minerva. Se ele não fosse um projecto com sucesso, isso não aconteceria.

QUE FUTURO?

Costuma dizer-se que o futuro a Deus pertence, mas com o Projecto Minerva não é assim. O futuro do projecto está nas mãos do Ministro da Educação que, ao que nos tem sido dado ver, aplaude o Projecto Minerva, tudo o que ele tem conseguido e todo o trabalho que venha a realizar... de preferência sem meios e sem gastar um tostão ao orçamento de estado! Se não é esta a realidade, é pelo menos a ideia que nos tem sido transmitida.

Sentimos, pois, que está nas nossas mãos não deixar perder este projecto. As instâncias superiores estão a fazer muito pouco por ele e aprestam-se para fazer cada vez menos. Estamos entregues a nós próprios e talvez seja isso mesmo o que o M.E. pretende de facto. Resta-nos lançar mão a todos os meios ao nosso alcance para podermos continuar o trabalho que iniciámos.

Um desses meios é o recurso à telemática educativa, que permite que escolas distantes comuniquem entre si e desenvolvam trabalhos em conjunto. Num distrito com escolas muito isoladas como o nosso, a telemática pode ser um meio muito impor-

tante para quebrar esse isolamento. Por isso estamos a tentar que seja cada vez maior o número de escolas capazes de integrar projectos educativos no âmbito da telemática.

Outro, é tentar motivar os agentes educativos ligados aos projectos. É nosso dever como pólo, mas por vezes sentimo-nos na pele de quem vende sucata e a apresenta como um carro novinho em folha, capaz de atingir 200 km/h.

Apesar das dificuldades, vamos conseguir os nossos objectivos. Com trabalho, muita dedicação e muita imaginação, para conseguirmos fazer omeletes sem ovos.

Não sabemos qual será o futuro que o M.E. destina ao Projecto Minerva no ano lectivo 93/94. Seja ele qual for, ele continuará vivo enquanto houver um computador fornecido pelo Minerva a funcionar nas nossas escolas, ou enquanto existir um professor formado pelo Minerva a usar meios informáticos. Quanto aos pólos, julgamos que as Universidades e Escolas Superiores de Educação deverão mantê-los, como pólo de investigação pedagógica, vocacionados para o apoio aos ensinos básico e secundário.

Assina



Educação